

LACAN E BENVENISTE: UMA INTERFACE

Bruno Focas Vieira MACHADO¹

Renato de MELLO²

RESUMO

Pretende-se efetuar uma articulação entre a doutrina lingüística de Émile Benveniste com pressupostos da Psicanálise de orientação lacaniana, delimitando suas respectivas aproximações e divergências. A temática terá como eixo concepções de sujeito, enunciação e sentido para ambos os pensadores. A marca fundamental que determina um corte discursivo nas duas doutrinas é a centralidade ocupada pelo sujeito da enunciação de Benveniste e a descentralidade estrutural que o mesmo se encontra na elaboração de Lacan, elaboração essa em que a hipótese do inconsciente, no sentido de Freud, é crucial. Procura-se demonstrar, também, o estatuto de linguagem e palavra que o conceito de inconsciente encerra e a sua articulação necessária como um discurso.

Palavras-chave: Sujeito, enunciação, sentido, inconsciente, linguagem, discurso.

ABSTRACT

This paper means to articulate Emile Benveniste's linguistic doctrine with Lacanian Psychoanalytical assumptions, so as to mark the limits of both their approximations and divergences. The theme here is the concept of subject, *enunciation* and meaning for both thinkers. The hallmark in each doctrine is the centrality taken by Benveniste's *enunciation* subject and the subject's structural decentrality within Lacan's elaboration which considers crucial the unconscious in Freud's conception. It also attempts to demonstrate language and word as a basis of work that the unconscious encloses and its necessary articulation with a discourse.

Keywords: Subject, enunciation, sense, unconscious, language, discourse.

Articular a Psicanálise com a díade discurso e linguagem é uma proposição necessária. A descoberta inaugural de Freud parte, primeiramente, de uma aposta nos poderes da palavra. Sua hipótese e abordagem do que ele denominou de inconsciente se encontra no âmbito de uma inscrição psíquica não passível de ser mensurada, apreendida logicamente ou abordada por um viés biológico e anatômico. A dimensão psíquica por ele evocada, exemplarmente abordada na tríade *A Interpretação dos Sonhos*, *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* e *Os Chistes e suas Relações com o Inconsciente*, é a dimensão psíquica da linguagem. É na palavra e pela palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial. O sentido do “retorno a Freud” promovido por Lacan se encontra na própria problemática da padronização e burocratização que a relação inaugural de Freud com a experiência do inconsciente veio a sofrer pela tradição anglo-saxônica, experiência essa tributária à função da fala e ao campo da linguagem. A substituição freudiana da técnica da hipnose pela associação livre faz entrar em cena o inconsciente estruturado como uma linguagem, permitindo o deslizamento dos significantes e a articulação com o desejo do falante. Ao buscar uma formalização da

¹ Mestrando da Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos (Poslin) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

¹ Professor da Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos (Poslin) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

obra freudiana a partir do campo da Lingüística, Lacan encontra na mesma a sustentação para o sujeito do inconsciente, categoria inexistente em Freud. Dessa forma, em seu *Seminário XI Os Quatros Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, Lacan coloca o que para ele é o lugar da Psicanálise:

A psicanálise não é nem uma 'Weltanschauung'² nem uma filosofia que pretende dar a chave do universo. Ela é comandada por uma visada particular que é historicamente definida pela elaboração da noção de sujeito. Ela coloca esta noção de maneira nova, reconduzindo o sujeito à sua dependência significante (LACAN, 1985, p. 78).

Dizer que o sujeito do inconsciente inexistente em Freud, não quer dizer que ele lá não esteja em suas elaborações. O que faltou a Freud foi precisamente conferir a ele um estatuto conceitual e uma elaboração que encontre seu suporte na Lingüística para se conferir o seu valor. O *ich* que se encontra disseminado em toda a obra freudiana se refere algumas vezes ao “eu” consciente e outras vezes ao sujeito do inconsciente. Trata-se de uma bipartição sutil e por vezes difícil de ser percebida, pois seu texto não é auto-explicativo e o *ich* sofre diversas reformulações no decorrer de sua obra. Essa fundamental distinção se perde por completo na tradução inglesa, ao se forjar o equivocado termo “ego”, termo também incorporado pela tradução brasileira. Logo, a formulação lacaniana do sujeito do inconsciente advém de sua leitura rigorosa da obra de Freud, uma leitura que visava a recuperar a essência de seu ensino, que sofrera uma mecanização:

A bem dizer, essa dimensão do inconsciente, que eu evoco, estava esquecida, como Freud havia previsto perfeitamente bem. O inconsciente se havia refechado sobre sua mensagem graças aos cuidados desses ativos ortopedutas em que se tornaram os analistas da segunda e da terceira geração, que se dedicam, no que psicologizando a teoria psicanalítica, a suturar essa hiância (LACAN, 1985, p. 28).

No decorrer dos anos cinqüenta, no auge do movimento do Estruturalismo, o lingüista Émile Benveniste buscava reinserir nos estudos lingüísticos as instâncias da subjetividade e da enunciação, ambas rechaçadas pela própria Lingüística Estrutural que, ao conceber a língua de forma hermeticamente cerrada, desconsiderava assim a instância do falante e a dimensão do discurso. Benveniste apresenta uma série de textos em que sistematiza o seu Aparelho Formal da Enunciação e se referencia diretamente ao campo psicanalítico. O próprio conceito de enunciação por ele proposto demonstra a importância creditada a esse campo: a enunciação é um ato individual de utilização da língua e sua conversão em discurso, ou seja, ela diz de uma particularidade daquele que a enuncia.

A lingüística de Benveniste é a lingüística do discurso, propondo analisar a linguagem do ponto de vista da significação e reconduzir a noção de sujeito a uma posição de centralidade. O lingüista ainda foi convidado por Lacan para dar sua contribuição ao primeiro número da revista *La Psychanalyse*, por demonstrar adesão às teses discutidas no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, datado de 1953. A contribuição em questão é o texto *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, um tributo de Benveniste à *talking cure* analítica. O lingüista ali ressalta a dimensão subjetiva da linguagem que uma análise convida a um sujeito a experimentar e a radicalidade de se conceber uma cura calcada na possibilidade de reescrever e se reposicionar frente à sua própria história partindo de um processo narrativo biográfico. Benveniste ainda define ali, à sua maneira, o que Freud denominou de

² Weltanschauung – Visão de mundo totalizadora.

realidade psíquica ou fantasmática, ao enunciar que a dimensão operada pela Psicanálise não se trata da dimensão da realidade empírica e sim da dimensão do discurso, sendo esse que vem conferir a autenticidade da experiência.

A aproximação entre ambos os pensadores foi breve e as divergências rapidamente tomaram cena, culminando em uma ruptura entre ambos. O que de importante permanece desse breve e faltoso encontro é o fato de que o trabalho de Benveniste anunciou a subversão da concepção de linguagem que se efetuará através da Psicanálise, em uma época em que a ciência lingüística tendia a eliminar de seu campo tudo que não fosse formalmente sistematizável ou estruturável. Trata-se de um trabalho em que se destaca uma dimensão da língua em uso pelo falante em detrimento da rigidez da Lingüística *hard* que imperava na época, que analisava a língua em uma perspectiva positivista e cientificista. Benveniste é, pois, uma das mais sólidas e importantes bases da Análise do Discurso, disciplina que surge enfim na década de sessenta.

Benveniste fundamentou sua busca das marcas da subjetividade e da enunciação nos discursos a partir de uma crítica e contestação de determinados pressupostos lingüísticos em Saussure, propondo a partir do mesmo uma bipartição entre uma lingüística das formas e uma lingüística da enunciação. É a segunda que representa o corte epistemológico que reinsere o sujeito na Lingüística, a partir do Aparelho Formal da Enunciação. Não se trata, logo, de uma crítica que visa a eclipsar o lugar central ocupado por Saussure na teoria lingüística. Benveniste, bem ao contrário, ressalta que a referência a Saussure é incontornável e inabalável, sendo que não há um único lingüista que não o mencione e que não deva algo a ele.

Em um dos princípios fundamentais do signo, Saussure afirma que o significante é imotivado, ou seja, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. Entre significante e significado a relação é sempre arbitrária, inexistindo um laço a priori. Um grande impasse nessa proposição é o seu raciocínio cerrado e contingencial, que desconsidera o elemento da realidade do falante. Um determinado significado tem para um falante um laço necessário com o seu conjunto fônico significante, imprimindo uma marca psíquica, sendo o que é arbitrário é que um signo, não outro, se aplica a determinado elemento da realidade. O autor não deixa de observar que o prisma do lingüista e do falante é por demais diferente, sendo que o primeiro tende a desconsiderar a solução que o segundo dá para a linguagem ao se fazer uso dela. Benveniste (1976) assim defende que o laço entre significante e significado não é arbitrário, porém necessário. Se o valor do signo é relativo, é relativo na relação com os demais signos, em uma definição que se dá sempre por oposição. O que é arbitrário, segundo o autor, é a relação de aplicabilidade entre um signo e determinado elemento da realidade: *“Para o falante há, entre a língua e a realidade, adequação completa: o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade...”* O algoritmo saussuriano é então relido na seguinte proposição: não é entre o significante e o significado que o laço é imotivado e sim entre o signo e o objeto. Discorrendo melhor a respeito, o que Saussure enuncia permanece verdadeiro, mas a respeito da significação e não do signo. O postulado é solidário à apropriação lacaniana do algoritmo de Saussure. Ao formular o inconsciente como uma cadeia de significantes e não de significados, torna-se impossível conferir valor a uma palavra desligando-a da realidade psíquica de um sujeito particular que a enuncie. Os significantes que constituem o inconsciente são determinados significantes que estão aí o tempo todo e que, no momento em que se fala, experimenta-se todo o seu peso e valor.

A questão sobre a realidade do falante, conforme anteriormente citado, é plenamente justificada para Benveniste partindo-se do pressuposto de que, para ele, a linguagem não é um aparato criado pelo homem para fins de comunicação, e sim faz parte da própria condição de homem. Benveniste, assim como Lacan, renuncia então à questão das origens: não é possível pensar em um momento mítico inaugural de

apropriação da linguagem, essa vista como um elemento de exterioridade. Só há um sujeito porque há linguagem, sendo ambos indissociáveis:

Na realidade, a comparação da linguagem com um instrumento, e é preciso realmente que seja como um instrumento material para que a comparação seja pelo menos inteligível, deve encher-nos de desconfiança, como toda noção simplista a respeito da linguagem. Falar de instrumento é por em oposição o homem e a natureza. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou (BENVENISTE, 1976, p. 285).

A instância do discurso é, então, a linguagem posta em ação por dois parceiros; sendo a última provida de uma natureza imaterial e simbólica, a própria atualização da palavra. O lugar da subjetividade na linguagem aponta para uma polaridade na enunciação na qual um “eu” implica o lugar de um “tu” para o qual se endereça um enunciado, em uma relação dialética intersubjetiva que não concebe um termo sem o outro. É importante ressaltar que, os lugares do “eu” e do “tu” são assimétricos na instância do discurso, sendo atravessados pela interpretação de cada uma das partes. A noção de temporalidade é constantemente atualizada no discurso, sendo que o presente coincide com o tempo da enunciação. Se a língua, em sua constituição semântico-gramatical, apresenta tempos verbais que possibilitam a sua expressão no presente, passado e futuro; a dimensão discursiva da linguagem é sempre presente, constantemente atualizada pela tomada da palavra, coincidindo o acontecimento descrito com a instância do discurso que o descreve. Essa marca da temporalidade mostra de maneira exemplar a diferença entre a língua como um sistema formal e o discurso como língua em uso. Benveniste frisa assim o fato de que a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como “eu” no seu discurso, sendo que o fundamento da subjetividade está no próprio exercício da linguagem atualizada na produção discursiva:

Ora, essa ‘subjetividade’, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É ‘ego’ que diz ego. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo status lingüístico da ‘pessoa’ (BENVENISTE, 1976, p. 286).

É precisamente nesse ponto teórico que as divergências entre Benveniste e Lacan vieram à tona. O sujeito benvenistiano se constitui como uma unidade psíquica egóica e fenomenológica, teorizando assim um sujeito intencional que controla sua própria enunciação e que propõe um alocutário a quem se dirige a sua significação em uma co-referência: “*Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor; forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno*” (BENVENISTE, 2006). O sujeito para Benveniste é essencialmente dialógico, cuja enunciação é um ato que em que o sujeito se enuncia como locutor e visa agir sobre o alocutário a fim de se produzir efeitos de sentido. A identidade do sujeito é, pois, apreensível e passível de ser localizada no próprio ato de enunciação.

Em contrapartida, o sujeito para a psicanálise se constitui como um furo na cadeia de significantes do inconsciente; sendo ele um próprio vazio de sentido que insiste em se representar metonimicamente: o sujeito não é uma unidade, porém um constante

“devir” entre dois significantes. Afirmar que o sujeito é da ordem de um “devir” vem a conferir o seu lugar efêmero e inapreensível: ele não se encontra, propriamente dito em nenhum enunciado. O enunciado “eu sou” não confere, pois, o lugar do sujeito do inconsciente.

No Seminário 11, *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, encontra-se em Lacan a sua definição de sujeito como efeito de linguagem:

Toda ambigüidade do signo se prende ao fato de ele representar algo para alguém. Esse alguém pode ser muitas coisas, pode ser o universo inteiro, na medida em que nos ensinam, há algum tempo, que a informação circula por ele ao negativo da entropia. Todo nó em que se concentram signos, no que eles representam algo, pode ser tomado por qualquer um. O que é preciso acentuar, em contrário disso, é que um significante é o que representa um sujeito para um outro significante (LACAN, 1985, p. 197).

O sujeito, sendo definido pela articulação de um significante com o outro, é colocado em uma posição descentrada e cindida entre enunciado e enunciação. Um sujeito, pois, como anteriormente colocado, não é apreensível pelo discurso, sendo ele sempre um intervalo, uma ausência entre dois significantes que Lacan nomeou de “falta-a-ser”. O sujeito do inconsciente de Lacan, ao contrário do que concebem as abordagens psicológicas e cognitivas, se constitui a partir de uma alienação e uma posterior separação do campo do Outro da linguagem. Essa alienação porta duas perdas fundamentais e não-suturáveis: uma perda de algo do sentido, pois o sujeito não pode ser inteiramente representado no Outro (conferindo o seu deslocamento metonímico na cadeia significante) e uma perda de algo do ser (há, pois, um resíduo da operação de simbolização que é irreduzível ao significante e que cai como objeto perdido, conhecido na álgebra lacaniana com o nome de objeto *a*). No *Seminário 17 O Avesso da Psicanálise*, encontra-se a formalização do discurso do inconsciente no matema do Discurso do Mestre, encerrando uma analogia com a dialética do Senhor e do Escravo de Hegel e com a mais-valia marxista. Encerra nele a proposição do inconsciente estruturado pela linguagem (o Outro como um sistema de oposição entre significantes, $S1 \rightarrow S2$), o sujeito como efeito do significante ($\$$) e o objeto *a* como produto, ponto irreduzível e inassimilável no ser falante:

$$\begin{array}{l} S1 \rightarrow S2 \\ \$ \quad a \end{array}$$

O que designa o sujeito vai marcá-lo como uma falta-a-ser, como uma certa ausência. Há a incerteza no próprio efeito significante, na própria divisão do falante, que diz mais do que supõe e se surpreende com o que ele mesmo faz ao ser hospedeiro de um estranho. A linguagem é, então, um estranho que habita e divide o falante. Há uma queda, um ponto de tropeço no campo da enunciação que é o próprio sujeito, no que constituído como segundo em relação ao significante. O que impulsiona e põe em movimento o ato da enunciação é a própria impossibilidade de dizer o que se quer, estando o sujeito do inconsciente em uma vacilação entre petrificação e indeterminação. Petrificação por um significante e indeterminação no interior do deslizamento do sentido; eis o impasse do sujeito para Lacan.

A Psicanálise, ao atribuir ao campo da palavra o lugar da verdade sempre lacunar do sujeito do inconsciente, traça uma nítida diferença entre enunciado e enunciação, entre o dizer e o dito. Uma coisa é o dito, outra é a modalização, a posição tomada frente

a esse dito: não há uma só frase, um só discurso que não traga a marca da posição do sujeito quanto ao que ele diz. Lacan, em seu mesmo *Seminário XVII, O Averso da Psicanálise*, enunciou, em uma ácida ironia, que o homem, desde que é falante, está fadado ao fracasso. Há uma não-relação fundamental no campo da linguagem, um hiato entre falar e querer dizer que põe a descoberto o sem-sentido e vacila as significações mais estáveis da ordem lingüística: não é difícil de se constatar que há sempre palavras demais na língua e elas nunca são suficientes para se dizer o que se deseja. É esse o fato verificado por Freud na associação livre: ao por o sujeito para falar, constata-se que ele fala e é falado pela língua, verbalizando sempre mais do que quer e sempre outra coisa. O sentido em si é inapreensível, ele está sempre mais além. É em consonância a isso que seu último ensino Lacan forjou um neologismo para dizer do estatuto do homem de ser um ser falante e um ser falado, o *parlêtre*, termo traduzido pelo nome de “falasser”. A discordância fundamental entre o dizer e o dito e enunciado e enunciação é a pedra angular da interpretação analítica, não sendo possível uma linguagem que se produza sem que o efeito de sujeito não esteja aí desde já.

Assim, ao conduzir a subjetividade para o cerne da linguagem e da enunciação, Lacan e Benveniste apresentam uma sintonia em suas teorizações; sendo que o que os afasta é a recusa do primeiro a conferir uma unidade e consistência de sentido para o sujeito.

Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente (LACAN, 1985, p. 200).

A partir do colocado, se faz relevante afirmar que o que opera em uma análise é precisamente o mal-entendido inerente à linguagem e ao contrato de comunicação e o meio-dito do lugar do sujeito, e não o saber do próprio falante:

Desse modo, como princípio do método, é imperativo para o analista distinguir sempre entre enunciado e enunciação, e paralelamente entre o dito e o dizer. Uma coisa é o dito como fato, e a outra é o que o sujeito faz do que disse. Às vezes, há uma relação de instrumento entre o sujeito e suas palavras, bem evidente quando alguém se serve das palavras para enganar o outro. O que muda, na perspectiva analítica, é que o sujeito se utiliza da palavra para enganar-se a si mesmo (MILLER, 1997, p.239).

O sujeito lacaniano, diferentemente do benvenistiano, não se dirige a um alocutário a fim de se produzir uma significação; ele é produzido pelo próprio fato de algo do sentido e da verdade inerentemente fracassar. A crença no sentido, descentrada e parcial desde o início de sua obra, sofre uma progressiva depreciação no ensino lacaniano sendo que, a partir da década de setenta, não se prioriza mais o inconsciente como um encadeamento significativo que produz o sujeito como um efeito: a referência ao Estruturalismo se encontra esgotada, dando lugar à Topologia. A segunda clínica assiste a uma pulverização do sentido, em um enlaçamento que dispensa o lugar do Outro como lugar da verdade e como ponto de ligação, escancarando sua inexistência como uma alteridade radical. O sintoma, que desde os primórdios da Psicanálise tem o estatuto de expressão simbólica de um conflito inconsciente, é a partir daí concebido como uma mentira sobre o real: ele busca dar sentido ao real que é por si fora-de-sentido. Não há palavra plena e ponto de basta, privilegiando o equívoco e o não-senso. Em seu Seminário 20, *Mais, ainda*, Lacan enuncia que a linguagem é uma elocubração de saber sobre alíngua (lalangue), o significante puro, aquele que não se encadeia e não produz sentido.

Trata-se de uma clínica em que o que se destaca é o real em detrimento do simbólico, deslocando e descentrando a interpretação. A linguagem é, nesse último ensino de Lacan, uma construção de sentido sobre o encontro com o real da língua, encontro esse para o qual não há solução significante plena.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: USP, 1976.
BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
LACAN, J. *A alienação*. In: *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.193-204.
MILLER, J. A. O método psicanalítico. In: *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.